

O BICHO DA POESIA ME PICOU

O tal do bicho da poesia me picou desde os 14 anos e até hoje sofro de uma maleita poética, que não me deixa ficar em casa esperando a sorte chegar. Editar o livro deste projeto pela 5º vez é algo que encheu de alegria, o meu coração de poeta menor.

Sobrevivemos ao futebol da quarta e à pandemia e estamos aqui, desde 2018, esculpindo, como as traças da *Escultura folheada* de Joaquim Cardozo, a arte da publicação. E assim seguimos firmes e fortes balançando o pé de arruda das palavras nas ventas do sem poesia na vida.

Autores dos quatro cantos do nordeste se abrem em versos em 20 poemas curados por uma leitora voraz, uma poetisa sertaneja e um poeta matuto criado na Serra do Magé. É poesia marginal, é poesia romântica, é com rima é sem rima e cordel que este livro que se abre em folhas em suas mãos de leitor espalha palavras mundo afora.

Daniel Andrade

Poesia de Quarta

5ª Coletânea



P
O
E
S
I
A

COLETIVO POESIA
DE QUARTA

ORGANIZADORES

Daniel Andrade

Diego Nogueira Dantas

COLABORADORES

José de Arimateia Tavares

Luiz Gustavo Ferreira de Brito

5º Coletânea

Poesia de

Quarta



COLETIVO POESIA
DE QUARTA

Cajazeira-PB
2025

ORGANIZADORES

Daniel Andrade

Diego Nogueira Dantas

COLABORADORES

José de Arimateia Tavares

Luiz Gustavo Ferreira de Brito

5º Coletânea

Poesia de

Quarta



COLETIVO POESIA
DE QUARTA

Cajazeira-PB

2025



Todos os direitos reservados aos autores, 2025

Arte da Capa

Rayssa Vitória Santos do Nascimento

Design da Capa e diagramação

Daniel Andrade

Revisor

José de Arimateia Tavares

Coordenador do projeto

Diego Nogueira Dantas

Fontes

Brittany

Monnjelly Alt

Open Sans

Raleway

Catalogação na fonte

Daniel Andrade

CRB-4 PE-001871/O

5^a Coletânea Poesia de Quarta / Organizadores Daniel Everson da Silva Andrade, Diego Nogueira Dantas; colaboradores José de Arimateia Tavares, Luiz Gustavo Ferreira de Brito; arte da capa de Rayssa Vitória Santos do Nascimento.- Cajazeiras, PB: Coletivo Poesia de Quarta, 2025.

53p.

ISBN: 978-65-01-72595-6.

1. Extensão e Cultura 2. Poesia 3. IFPB 4. IFPE I. Título

CDD B869.1

SUMÁRIO

Ecos de cantos e recantos	7
Mariáfrica	12
Francisco Siqueira Galindo Viana	
A culpa é da sujeira	13
Larissa Leal Vieira Calado	
Nativos	14
Francisco Toscano de Brito Sobrinho Neto	
Dilemas da favela	15
Theo Sales dos Santos	
O sertão que mora em mim	16
Joyce Nayare Antunes Henrique	
Rios da vida	18
Alexandre dos Santos Souza	
O Livro verde-louro que ninguém leu	20
Estevão Felipe dos Santos Dias	
Quem são vocês?	22
Raynan Raul da Silva Timóteo	
Ensino de qualidade	24
Cicero Seneilton Felipe Dias	
Peça vivida	27
Gabriel Cosmo de Sousa	
Entre números e palavras	29
Vitor Manoel Pereira da Silva	

Imprevistos	30
Ludmilla de Almeida Abreu Silva	
Aracati	31
Maria Aparecida de Sousa Cardoso	
O avesso da saudade	33
Ana Jessica da Silva	
Não consigo parar de pensar	34
Francisco André Martins Pamplona Filho	
Morri em meu nome	37
David Alisson Macieira Ramos	
Chuva na estiagem	39
Andersonn Magalhães de Oliveira	
Entre linhas e silêncios: leia o que não está escrito...	41
Leonardo Assis de Almeida	
Dona V.	43
Iane de Lira Bezerra	
Para-choque de caminhão	44
Wagner Leal Guimarães	
5º Coletânea Poesia de Quarta	53

ECOS DE CANTOS E RECANTOS

O Sarau Poesia de Quarta é uma ação continuada de extensão cultural germinada no ano 2018, na Biblioteca Professor Ribamar da Silva, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras. Seu intuito foi fomentar um espaço de diálogo entre poetas de Cajazeiras e municípios circunvizinhos.

A atividade extensionista, a priori, requer a alvissareira participação de parceiros sociais, ou seja, atores partícipes que contribuem no fortalecimento da ponte que liga uma instituição educacional com a sociedade que sustenta ou, melhor dizendo, os grupos sociais que a mantém.

É nessa perspectiva que os parceiros sociais desta empreitada – a Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Pesqueira, a Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), Campus de Cajazeiras, por meio de seu Núcleo de Extensão Cultural, além do Centro Cultural Banco do Nordeste (Sousa-PB) – são peças fundamentais para a concretização da 5^a edição da Coletânea Poesia de Quarta.

Trata-se de uma tradição literária marcada, desde seu início, pela diversidade de estilos, gêneros, idades, escolaridades, lugares geográficos e lugares sociais: o(a) leitor(a) fique à vontade para

estabelecer seu recorte! Também se sinta em casa para acessar as quatro coletâneas anteriores, publicadas na página do nosso Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes, no portal do IFPB – Campus Cajazeiras.

Ademais, seu processo seletivo de poemas é da forma tradicional. É feito a partir de inscrições de textos líricos, com a análise e avaliação feita por uma comissão específica, formada por poetas de diversos matizes, considerando aspectos como originalidade, criatividade na forma e no conteúdo, além de adequação ao gênero literário. A avaliação é realizada em caráter anônimo, sem a identificação dos(as) poetas inscritos(as).

A partir do período de isolamento social e da imperiosa utilização de novas ferramentas de tecnologia e informação, a seleção de poemas ganhou novos sabores e regionalidades. Com o processo de divulgação totalmente informatizado e a consequente ampliação da capilaridade de atuação de nossas instituições e coletivos culturais, poetas de várias partes do país passaram a participar. Mesmo tendo como foco as comunidades atendidas pelo IFPB e pelo IFPE, outros estados e regiões do país se fazem representados na coletânea. Nesta edição, o coletivo deliberou pela valorização da “nordestinidade” e suas múltiplas faces, delimitando a participação apenas aos(as) poetas da Região Nordeste do Brasil.

Foram 38 inscrições realizadas. Destas, 25 inscrições são de poetas da Paraíba, 08 de Pernambuco, 02 do Ceará, 02 da

Bahia e 01 do Maranhão. Outro dado que chama atenção é que quase a metade das submissões (47,4%) é oriunda da comunidade externa do IFPB e do IFPE, demonstrando mais uma vez o caráter extensionista da ação, na busca incessante de aproximar as instituições envolvidas além de seus muros - físicos e simbólicos.

A diversidade mais uma vez é marca registrada da Coletânea Poesia de Quarta. Em relação às identidades étnico-raciais, 55,6% autodeclararam-se pardos, 36,1% brancos e 8,3% pretos. Outrossim, 5,6% afirmaram pertencer à comunidade indígena. Já concernente à orientação sexual, 59,1% dos participantes não se autodeclararam cisgênero. Por fim, 20 poemas foram selecionados para compor a 5ª Coletânea Poesia de Quarta, a partir da classificação gerada após o processo avaliativo.

A Coletânea Poesia de Quarta ganha vida, ecoando em diversos cantos e recantos, com o propósito de despertar, colaborar e incentivar a poesia que pulsa naquelas e naqueles que se movem pela palavra, pelo ritmo e pela imagem.

A todas, a todos... boa leitura!

Diego Nogueira Dantas

IFPB - Campus Cajazeiras

5° ATO

Mariáfrica

Mãe preta quase sempre é Maria
Maria da Paz, esperada no fim de cada violento dia
Das Graças, porque pobre também faz favor
Das Dores, partilhadas, porque pobre dá café e dá ombro
Do Amparo, para convencer comadre a não desistir
Do Socorro, na falta de água e de pão
Anunciada, na feira, porque bom é que ela venha de novo
Do Livramento, do que faz medo e mal
Dos Prazeres, do encontro da casa no domingo
Aparecida, na hora H, quando adoece o filho da outra
Pintada, em tanque e cozinha
Madrinha de desempregado e catador de papel
Maria da Glória, desejada de tatuado carvoeiro
Isabel, levando mezinha e conselho

É Da Paz, porque já não suporta a falta disso
E não há Graça nenhuma em filho que passa fome
Ou nas Dores da falta de escola
Ou no Desamparo por causa de cor
Ou no Socorro pros iguais endereços
Anunciados e bem-nascidos
Ou no Livramento que se lhe recusa de birra
Ou Dos Prazeres negados por conta dos muitos cansaços
Ou Dos Aparecidos mesmos estorvos...
Benditas mães pretas de vidas quase nunca doçura¹

¹ **Francisco Siqueira Galindo Viana** - Professor aposentado do estado de Pernambuco, Técnico em Assuntos Educacionais do IFPE.

A culpa é da sujeira

Ei, boy! Tem poeira impregnada no teu sangue
A roupa engomada que tu usa dizendo ser “puro sangue”
É suor de uma mãe que morde a língua
pra segurar as pontas lá perto do mangue
Lavar, passar ou ser bilíngue?
Hum... Eu que não coloco as minhas mãos
nessa sujeira que não se extingue!

- Dona Maria, guarda minhas cuecas!

E guarda essas lágrimas,
não estou a fim de sujar a minha beca.
E eu... Posso usar qual elevador, Madame?
O que volta pro dia que Miguel estava vivo?
Ou o dia que a justiça não passará aspirador de pó
na impunidade dos mais ricos?²

² **Larissa Leal Vieira Calado** - Poetisa, Oficineira de Livros e entusiasta do Audiovisual. Em 2023 estreou de forma independente o seu primeiro livro intitulado “Lendo Calado” que alcançou leitores dos 4 cantos do Brasil e Europa.

Nativos

Destino pior do que a morte é a servidão;
Passar mais de 500 anos em escravidão.
A resistência massacrada, o grito esvaído
Tamanha crueldade de um ser involuído.

Não sou propriedade, não sou escravo
Eu sou Tupã, Jaci, Guaraci.
Eu sou a própria divindade, pra isso que nasci
Lutarei pelo meu povo em grito bravo.

Eu não sou rotulado por quem me mata
Eu não sou índio, sou nativo.
E dos seus estereótipos, minha nação está farta
Por meios dos contos, da memória ainda vivo.

Me tiraram a terra, meu povo, minha natureza
Mas não tiraram o espírito de luta, de nunca aceitar a derrota;
E desta história, só tenho uma certeza
Eu vou tomar nosso mundo de volta.³

³ Francisco Toscano de Brito Sobrinho Neto - Ator, escritor e poeta.

Dilemas da favela

Acordar sem saber o que comer e beber
A realidade de quem se esforça para viver
Um dilema desumano do favelado
Os pretos que vivem no preto

Por que deram cor onde moram?
Não foi escolha, foi necessidade.
Querem ver o amarelo da fome,
Foi escolha, sem piedade.

Onde moram, paz é raridade.
Poucos têm a solidariedade.
Ou procuram constantemente por ela
Por meios que fácil se encontram na favela.

A esperança de um amanhã com vida
É o que lutam para ter.
Mesmo a margem, escolhem sobreviver
Esperando o dia em que possam viver.⁴

⁴ **Theo Sales dos Santos** - Poeta amador e leitor.

O sertão que mora em mim

Sinto falta do cheiro da terra
molhada depois do trovão,
Da cantiga baixa de vó
rezando contra assombração.

Do tamborete na calçada,
do cuscuz quentinho no prato,
Do sino da Igreja ao longe
marcando o passo do mato.

Do galo que nunca atrasava,
Do rádio chiando na sala,
Do milho estalando no braseiro,
Do vento batendo na pala.

Lembro da rede no alpendre,
Do silêncio que não doía,
Da conversa mansa dos tios,
Das noites virando dia.

Tinha história de infância,
Benedura, chá de mato,
Tinha fé até na formiga
e respeito em cada ato.

E quando a memória me chama,
sinto o riso dançar no vento:
Ah! Era o parque na festa da padroeira,
A roda gigante do tempo.

No clarão da fé e da festa,
a lembrança vira oração:
o sertão não vive somente no mapa,
ele pulsa como canção.⁵

5 Joyce Nayare Antunes Henrique - Joyce Nayare é poeta, escritora, cantora e compositora natural de Sousa - PB. Em 2025, participou do evento "Abril para Leitura" do Centro Cultural Banco do Nordeste, apresentando poesias. Tem poemas publicados em antologias pela Editora Literária e Editora Holandas. Atualmente, desenvolve novos projetos musicais e literários que fortalecem sua identidade artística.

Rios da vida

Ah, como eu gostaria...
De ser como as águas dos rios,
Cujas as águas minam e descem das nascentes,
E percolam por entre as fendas das rochas.

Ah, como eu gostaria...
De ser como as águas dos rios,
Que entalham o talvegue dos vales,
Arrastando pelo leito os cascalhos,
Lapidando as arestas dos clastos.

Águas que carregam os grãos de areia,
Águas que fazem flutuar o silte e a argila
Como se fossem partículas de poeira no ar.

Ah, como eu gostaria...
De ser como as águas dos rios,
Que saciam o desejo das vidas sedentas
E refrescam a face fadigada.

Ah, como eu quero ser como as águas
Dos rios que rasgam as vertentes dos vales,
E que dançam contornando os montes,
Rios que singram pelas planícies,
E que enchem os lugares vazios.

Ah, como eu gostaria...
De ser como as águas...
Dos rios que, mesmo barrados,
Transbordam e seguem porque sabem,

Que as águas dos rios nascem,
Para fluir e seguir o seu curso,
Até que, no tempo oportuno,
Sejam apenas um oceano e nuvens.⁶

6 Alexandre dos Santos Souza - Geógrafo, professor e servidor público, utiliza suas rimas como um ato que busca conectar as pessoas à natureza por meio da geografia literária e das expressões poéticas da paisagem.

O livro verde-louro que ninguém leu

Acordei, abri os olhos,
Um mundo paralelo.
Sobre a escrivaninha,
um Livro verde e amarelo.

Suas páginas proferem:
“Aqui, todos se alimentam
e as crianças têm em mãos
o próprio amanhã”.
Fechei o Livro.

Ouvi o vazio do país ecoar,
como um grito silencioso
em um corpo ferido.
Olhei em frente: há uma janela.

Na janela:
A ausência,
A insegurança,
O silêncio,
O medo.

Como uma sombra perseguidora,
seguindo os passos dos meninos
que correm na passarela
sem ter onde pisar,
até que o chão ganhasse outra cor, escarlate.

Do outro lado,
homens de terno,
gravatas que lembram cifras,
planos que não passam de números,
convertidos em lanches simples.

Só a mulher negra,
com a camisa de uma coruja estampada.
Sabedoria ignorada.
Entende o recado.

Esfrega o chão rubro desbotado
com as páginas rasgadas
do tal Livro tão belo.
E eu, entre dois mundos,
pergunto ao espelho:

- Onde está o Livro verde-louro tão bonito,
que tantas promessas nos fez?
Mas apenas o reflexo:
a Flâmula a meio-mastro.
O Livro, afinal,
seria apenas o obituário do Torrão?⁷

⁷ **Estevão Felipe dos Santos Dias** - Estudante de Matemática no IFPB. Aluno pesquisador. Violinista com paixão por música, filosofia, artes e matemática.

Quem são vocês?

Onde está o sujeito que definiu o que é errado?
Onde está o sujeito que definiu o que é feio?
Não hei de concordar com isso,
pois bato no peito sem anseio:
o certo ou bonito é apenas uma receitinha de bolo,
Que está sendo seguida por quem é tolo.
Tenha seus próprios padrões
— somos "metamorfoses ambulantes".
Mas de uma coisa não esqueça antes:
a vida é muito mais bonita quando a estrada é percorrida
com vigor e autenticidade.
Como pode, nessa cidade, te julgarem sem saber
quem você é, o que gosta de comer?
No fim das contas, ninguém quer pagar;
Tome isso de exemplo para quando alguém te julgar:
a cabeça, não baixe; e cante a vida,
Pois ela é mais colorida
quando você não é uma peça de encaixe.
Quem se colocou em um altar, que se acha capaz de julgar
simplesmente por padrões que são colocados sobre nós?

Ladrões viram pastor, mas eu convivo com a dor
de não ser um bom filho.
Ser gay não é doença,
E quem é sua crença para definir quem eu sou?
"Eu sou o sol da meia-noite, a lua cheia de manhã,
Mas me visto de mim mesmo, da cabeça aos pés."
E, ao invés de preconceito, eu te ofereço meu respeito.
Grito e bato no peito: eu sou eu, sempre hei de ser.
Sou extrovertido, mas também sou tímido

— isso sou eu quem vou dizer.
Pra finalizar, eu te falo sem temor:
Todo ódio que você destila, em muita gente causa dor.
Quantos mais terão que morrer pra você entender

Que o seu discurso assassino mata homem, mata menino?
Por isso que temos que ter orgulho, fazer barulho,
Para que não apenas nos enxerguem,
mas que vejam que nós somos iguais.
Mas é por isso que “o mundo tá perdido”
— Ainda estamos vivendo “como os nossos pais”.
Por mais consciência, esse poema foi escrito,
E, repetindo novamente, eu solto o meu grito
de quem já se cansou: quem são vocês para definir quem eu sou?⁸

8 Raynan Raul da Silva Timóteo - Escritor desde os 10 anos, mas nunca chegou a exibir minhas obras, dançarino, ator, percussionista.

Ensino de qualidade

Ensino de qualidade
A escola pública tem
Alunos que se dedicam
E que pensam no seu bem
Estuda com seriedade
Buscando oportunidade
Nesse foco se mantém

O foco de aprender
Para poder ensinar
Contribui com outras vidas
Para o mundo melhorar
Quem vai nesse pensamento
Leva grande ensinamento
E outras vidas vão mudar

Nasci no interior
Onde tudo era difícil
Estudar na minha época
Era muito sacrifício
Sempre tive a vontade
De ser alguém de verdade
E cumpri o meu ofício

Agora sou estudado
Do ensino defensor
Defendo a escola pública
Sou um jovem professor
Que luta por equidade
Ensino de qualidade
Para todo sonhador

Aquele que sempre sonha
Um dia vai conseguir
Somente a educação
Tem poder de dirigir
De guiar nosso caminho
Nas leituras, nos livrinhos
Assim devemos seguir

Para um verdadeiro ensino
sempre encontra desafio
Tivemos a pandemia
A vida foi pelo fio
Nós somos sobreviventes
Hoje estamos contentes
Superamos o vazio

Vazio da solidão
De ver pessoas morrendo
O ensino foi remoto
Nossos alunos sofrendo
A turma desanimada
Com a escola fechada
Mas fomos sobrevivendo

Algo foi tão desejado
Logo após a pandemia
O ensino presencial
Trouxe bastante alegria
Mas o tempo foi passando
O povo se acostumando
Promovendo empatia

Trabalhar com muita força
Oferecer equidade
Respeitar as diferenças
E lutar por liberdade
Buscar a sabedoria
Dentro da academia
Ensino de qualidade⁹

9 Cicero Seneilton Felipe Dias - Professor de Língua Portuguesa, amante da Literatura de cordel. Amo ler e escrever Literatura.

Peça vivida

Em mais um dia, novos atores apresentam-se ao teste da peça.
Papéis e cenários aleatórios distribuídos,
São entregues ao acaso, de repente,
Sortudos, ou não, uns recebem grandes personagens,
Chamativos grandes nomes
Outros uns nem tanto, largam de coadjuvantes,
Outros tantos como ninguém: preenchem o mundo, figurantes

O diretor, o grande condutor
Também escritor
Sempre a par, referido como senhor
Seu endereço não sabemos
Sua presença pouco temos
Nossas cartas pouco respondidas,
Mas nossas pautas, sempre atendidas

Há muitos personagens de ritmo constante
Previsíveis, passíveis, já lidos, já vistos
Em poucos atos da obra constam, são rasos, pouco falantes
Saem pelo ponto do palco onde primeiro surgiram
São cenário, peças da multidão
Apenas o diretor e uns poucos os notarão

A máquina nunca para
Peças novas sempre chegam
Roteiros comuns não seguem
Têm iniciativa, os reescrevem
À parte brilham, à parte funcionam
Às vezes, falas inventam, com voz alta convencem

Ganhão oportunidade, em novos papéis ascendem
Ao passar dos atos, chamam as luzes sobre si
À plateia surpreendem

Peca de muitos atos, muitos atores
Muitas vezes, mesmos rostos para muitos setores
Ao correr dos atos, falas e cenários modelam intérpretes
Continua a máquina, não param os motores
Num passo rápido, só precisam trocar de vestes

Cortinas se abrem e se fecham
Às vezes, dinâmico demais, não há tempo para testes
Rostos se calam, se somem, se expressam
Num momento tudo acontece, tudo se perde
É preciso sempre mudar, quando a peça pede.¹⁰

10 Gabriel Cosmo de Sousa - Licenciando em Matemática. Aspirante a bom leitor no novo mundo da escrita. Aprendendo.

Entre números e palavras

Risco um poema na lousa.
Feito de contas e sensação.
Das circunferências à prosa,
Um belo poema!

Cada número tem seu ritmo;
cada gráfico, uma intenção.
Até o plano cartesiano,
traçado a mão com o coração.

E se nem sempre a raíz é quadrada.
Ás vezes brota no chão.
E o infinito, que nos cerca
cabe inteiro na palma e na razão.

Entre espaço e somas incertas,
a vida aprende a calcular
que educar é muito mais que ensinar,
é transformar, sem precisar igualar.¹¹

¹¹ **Vitor Manoel Pereira da Silva** - Participou da produção do capítulo "Desenvolvendo o raciocínio lógico-matemático de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental II" publicado nos anais da XV Semana de Ciência e Tecnologia. Participou do 2º Festival de Arte e Cultura do IFPB.

Imprevistos

me perco na imensidão do teu olhar
tu, tão oblíquo, complementando meu sujeito
é como se a coincidência do acaso fizesse nosso reencontro
me perdi na tradução dos teus sinais
só para tua boca me guiar na direção correta
tuas marcas em mim, cravadas em meu peito
me fazem cair de cabeça mais uma vez
e se as flores guardadas não murcharem
é porque calhou de ser destino
e eu me entrego de braços abertos
aos belos imprevistos que o universo armou
para que nós déssemos certo¹²

12 **Ludmilla de Almeida Abreu Silva** - Tem dois poemas publicados pela “Mostra de poesias abril para leitura”, lançados pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, em Sousa-PB, nas edições de 2024 e 2025.

Aracati

O crepúsculo vespertino quente e árido
Com o qual o sertão encerra os dias
Se transforma mais tarde em belo sopro
Que traz junto pra nós uma brisa fria
Que é chamada também Aracati
Essa brisa se encontra bem ali
E à noite espalha alegria.

Ele chega varrendo os tabuleiros
Desgrenhando as plantas em desatino
Mal se sabe exatamente de onde veio
Como não saberemos seu destino
Com audácia assobia no telhado
Vai deixando qualquer um descabelado
Seu barulho no capim parece um hino.

Há quem diga que esse ar tão refrescante
Surge no litoral do Ceará
Eu não sei de onde vem tanta riqueza
Que em segundos o calor vem esfriar
O que importa é que em noites de verão
Sejam claras ou mesmo na escuridão
Essa brisa audaz vem nos visitar.

Esse vento que refresca a multidão
Quando chega deixa as folhas dispersadas
Traz lembranças sejam boas ou ruins
Também traz o cheiro de terra molhada
Se for forte leva até assombração
É costume das pessoas no sertão
Esperá-lo sentadas nas calçadas.¹³

13 **Maria Aparecida de Sousa Cardoso** - Professora de Língua, Mestra em Letras, poetisa. Apaixonada por poesia desde criança.

O avesso da saudade

O chão que estou pisando,
Tudo o que sinto.
Os pés que estão me sustentando,
Tudo o que admito.
O ar que respiro,
Tudo que engulo.
O vento que me atravessa,
Tudo aquilo que me conecta.

Tudo isso me afeta,

Se torna os espinhos que me fazem sangrar,
Se torna os pássaros que nem ouço cantar,
Se torna a comida de vó que não posso negar,
Se torna o sorriso da criança mais fofa que nem consigo aguentar.

Se torna a saudade no peito.

O arrepio dos nervos,
O suspiro imenso,
E a visão do meu maior chamego.

Que saudade de sentir esse vento rasgando meu peito,
Que saudade do pé cheio de barro do quintal,

Que saudade do banho de chuva, das roupas pingando no varal,
Que saudade

Saudades de tudo que me faz sangrar,

Saudade, saudade, saudade.

A saudade que não se faz bastar.¹⁴

14 **Ana Jessica da Silva** - Natural de São Paulo, atualmente, residindo na Paraíba. Sou estudante, poetisa, filha, irmã, amiga. A escrita me acompanha em minha trajetória, com ela consigo expressar meus pensamentos

Não consigo parar de pensar

Por que não paro de pensar?
Por que sou quem sou?
Por que nenhum amor
na minha vida conseguiu ficar?

Se pensar demais fosse um crime,
Acho que, numa prisão nada sublime,
eu iria parar.
Ficaria preso, sem direito a conversar
Viveria na solitária
Para que a minha mente grisalha
parasse de voar.

Se a vida não fosse assim,
Se o mundo não fosse ruim,
Se o fogo fosse azul
E a água vermelha,
Se a mosca fosse abelha
e desse mel,
Se o gosto fosse de fel
e ninguém pudesse provar...
O mundo seria diferente?

Não sei — só sei que não paro de pensar.

Se a chuva viesse do chão,
Se o avião voasse por baixo da terra,
Se nunca tivesse havido guerra
E a arma nem existisse,

Se deficiência fosse
não respeitar quem é diferente,
Se ninguém olhasse pra trás —
Só pra frente —
O mundo seria diferente?

Não sei — só sei que não paro de pensar.

Se todo silêncio fosse escutado
Se o passado realmente passasse um instante
Se o tempo parasse
e esquecessem o informante,
Se o ignorante fosse louco
E o louco pudesse se expressar...
O mundo seria diferente?

Não sei — só sei que não paro de pensar.

Se nossa casa fosse uma caverna,
E se o urso que hiberna
vivesse numa mansão,
Andasse de avião
E o piloto fosse o guará,
Se a aeromoça fosse coruja
E se ela pudesse nadar...
O mundo seria diferente?

Não sei — só sei que não paro de pensar.

Se o dinheiro não tivesse valor,
Se o que realmente importasse fosse o amor,
Se não houvesse ódio e rancor

E forte fosse o que demonstrasse compaixão,
E se nosso fim não fosse em um caixão...
O mundo seria diferente?

Não sei — só sei que não consigo parar de pensar.

Mas se a poesia eu não pudesse escutar,
Se a música deixasse de tocar...

O que aconteceria, não sei.
Só sei que aqui
Eu não queria estar.¹⁵

15 **Francisco André Martins Pamplona Filho** - Poeta paraibano, mora no Jerimum. Escreve como ninguém e também como qualquer um. Começou e não parou de vez, paradas fez, mas vai continuar, pois escrever ajuda a acalmar seu pensar.

Morri em meu nome

Eu te vi.

Desde o primeiro riso,
naquela mesa de bar com amigos,
desde aquele toque sem querer que pareceu choque.
Te vi por inteiro.
E me vi também,
e foi isso que mais me doeu.

Doeu porque você era tudo que eu fingia não querer.
Porque te querer era negar o mundo,
Negar meu pai, minha família, minha religião,
negar tudo que disseram que eu tinha que ser.

Só que eu te quis.
Com raiva, com fome, com medo.
Eu quis teu peito pra dormir,
teus braços pra me aquecer,
teu cheiro grudado em mim,
feito pecado em essência que ninguém quer lavar.

Mas eu fugi.
Me escondi dentro do meu nome.
Fingi não ver teu amor,
como quem fecha os olhos para o fogo,
mesmo sabendo que vai se queimar,
mas preferindo a cinza à chama.

E quando você vinha
com teu jeitinho calmo, encantador, sorridente e espontâneo,

Eu me calava.

Porque te amar

era me desmanchar por dentro,
era assumir que meu coração também é flor,
mesmo que o mundo quisesse que fosse pedra.

E eu?

Eu fui pedra até demais.

Fui pedra que não fura,

mesmo com teu amor desabando como água em cachoeira.

Me arrependo?

Todo dia.

De cada “não posso”,

De cada vez que te deixei indo embora

com aquele olhar de amor que eu sabia, mas fingia não ver.

Se você um dia me ouvir,

me escuta, vai!

com perdão.

Porque eu te amei,
mas fui covarde demais pra viver contigo
o amor que ainda mora em mim.¹⁶

16 David Alisson Macieira Ramos - Sua escrita retrata o amor, a ausência e a esperança. Apaixonado pela poesia a enxerga como uma forma de expressão e permanência. Transforma sentimentos, observações e experiências em palavras de forte emoção.

Chuva na estiagem

Ao contemplar o céu estrelado de Orocó
De passagem de busão à Petrolina
No horizonte em direção a Bodocó
Raios distantes o céu ilumina

Como é que pode? Me coloco a dizer.
A estrada revelar assim essa sina
Para alguns, o céu aberto de se ver
Para outros, nenhuma estrela se vê lá em cima.

Si-mul-ta-nea-mente:
Canudos, Juazeiro e Angicos
Em caminhos de morte e de vida
Santa Maria dá uma Boa Vista
À Belém do meu bom São Francisco

Si-ner-gi-ca-mente:
Mergulho no mar de afetos, o sertão
De lutas, apelos, memórias
De um passado que tiro a lição
Que pertenço a este chão, esta história.

Ca-ri-nho-sa-mente:
Caminho na praça de Afogados
Navego até Petrolândia.
Assisto a uma missa em Serrita
Namoro no Olavo em Sertânia.

Como é lindo de se ver
O clarão do luar sertanejo
Sobre o chão, sobre mim e você
Caatinga nascente de nossos desejos.¹⁷

17 Anderson Magalhães de Oliveira - Músico, escritor e poeta amador.

Entre linhas e silêncios: leia o que não está escrito...

Não é sobre o que está na página.
É sobre o que você sente
antes de virar a próxima.

Há palavras que não foram ditas,
Mas que moram no peito,
como se tivessem sido gritadas.

Há cartas que nunca foram enviadas,
Mas que você escreveu mil vezes
com o olhar perdido na janela.

Há dores que não têm nome.
Mas que você reconhece
pelo peso que carregam.

Esta poesia não quer te explicar nada.
Ela quer te lembrar
do que você já sabe,
Mas finge esquecer.

Do medo de não ser suficiente.
Da alegria que parece sempre atrasada.
Da vontade de sumir...
Mas só por uns dias...

Do amor que você não teve coragem de pedir.
Da coragem que você não teve tempo de cultivar.
Não é preciso entender.
É preciso sentir...

Então, não folheie esta revista como quem procura algo.

Folheie como quem se encontra.

Porque talvez, entre uma vírgula e um suspiro,

você descubra que esta poesia é sobre voc..¹⁸

18 **Leonardo Assis de Almeida** - Poeta, escritor, pesquisador, licenciado em Pedagogia e Educação Física; Bacharel em Educação Física. Especialista em Educação Especial e Psicopedagogia. E-mail: leonardoassis.uneb@gmail.com.

Dona V.

Hoje eu tive um medo danado:
Senti meus ossos quebradiços
Com a certeza da minha incapacidade
De pôr freios nos anos da tua vida.
Esses anos que passaram
Sem que notássemos
E trouxeram à tona, docemente,
Teus olhos verdes cansados
Olhando, sem prumo, os meus
Quebrando meus ossos
Como palha seca de verão:

.

.

.

Hoje eu tive um medo danado.¹⁹

19 **Iane de Lira Bezerra** - É estudante, poetisa e idealizadora do @portadecaos (Instagram). Tem os escritos "Partidas" e "Cicatriz" publicados na II e III Coletâneas do Poesia de Quarta.

Para-choque de caminhão

No país de canto a canto
Existem caminhoneiros
Que transportam quase tudo
Para o povo brasileiro
E nessas suas viagens
Levam sempre as mensagens
No para-choque traseiro.

Se você já observou
Traseira de caminhão
Tenho certeza que leu
Um monte de palavrão
Frases curtas, bem boladas
Com mulher, têm variadas
Pra chamar sua atenção.

As frases nos para-choques
Quase sempre tem sentido
Pois levam até mensagens
De motorista enxerido
Nos lugares onde passa
Muita gente acha graça
Por ser muito divertido.

Poeta Edvan Antunes
Mil frases, catalogou
E colocou no seu livro
Que grande público alcançou
É para o leitor fiel
Que eu faço este cordel
Com rima e com humor.

Vi um dia um caminhão
E pensei o que teria
Escrito no para-choque
Daquela carroceria
Não tinha nada de Tróia
Dizia, “Deus é uma joia
E o resto bijuteria”.

Tem frases bem criativas
E as outras injuriadas
Simples e objetivas
Mas todas bem formuladas
Esta, achei na medida
Diz que, “Mulheres perdidas
é que são mais procuradas”.

Tinha uma frase que dizia
“A mulher de um amigo
é igualzinho a cebola”
E sempre existe um perigo
“Só dá pra comer chorando”
Só não fique lamentando
Quando acontecer contigo.

Essa aqui é uma beleza
Se não entendeu, tá ferrado
Diz, “Marido de mulher feia
tem raiva de feriado”.
Mas pra ela não notar
Convida-a pra passear
E nunca sai abraçado.

Carro atrasado é assim
“Se correr o guarda multa,
e se parar o banco toma”.
Ao fazer uma consulta
Num caminhão encostado
Que estava abandonado
E li esta frase oculta.

"Nas curvas do seu corpo
capotei meu coração".

Tava escrito de vermelho
Na lona de um caminhão
Quem fez era inspirado
Ou talvez apaixonado
Ou viveu desilusão.

Só "quem sabe amar as rosas
suportará os espinhos".

Esta frase tava escrita
Na Mercedes do vizinho
Quando acabei de ler
É que pude entender
Porque ele era sozinho.

"Quero que o Mar pegue fogo
para comer peixe assado".

E "Não adianta rezar,
depois fazer tudo errado".
Duas frases diferentes,
Uma atrás, outra na frente
De um caminhão capotado.

"O orgulho é que nem peito,
qualquer dia ele cai".

"Não xingue caminhoneiro,
que ele pode ser seu pai".

A primeira vez que eu li
No mesmo instante entendi
E por isso ri demais.

Eu "Quero que Deus te dê,
o mesmo que deu ao bode".

Pra você ter que usar
"Chifre, barba e bigode".
É "como pato e parente
só suja o carro da gente".
E "quem não pode se sacode".

Pra quem gosta de cigarro
Esta é bem interessante
Diz: "fumar é muito bom,
pois acaba com o fumante".
Se você é viciado
Então, fique preocupado
De agora em diante.

Tem frases sem noção
Que nem sempre é entendida
Exemplo: eu “prefiro a morte
do que perder esta vida”.
Pode até ser engraçada
Mas não entendi foi nada
Que nela tava contida.

A mais bonita de todas,
“ O amor é uma delícia,
Pois, “começa no cinema
e acaba na polícia”.
Se você leu essa bem
Percebeu que ela tem
Meio mundo de malícia.

Numa traseira escreveram
“O que é bom, tá guardado”
“Quem apanha de mulher
não conta ao delegado”.
Agora preste atenção
Que em outro caminhão
Estava assim colocado.

"Dos homens que conheci,
só Adão teve juízo,
casou com mulher sem mãe
e viveu no paraíso".

Quem esta, não conhecer
De certeza quando ler
Vai dar um belo sorriso.

Já essa começa assim
A "mulher é no fogão,
a sogra vendo novela
e o trouxa no caminhão".
Que quer dizer finalmente
Ao motorista indecente
Pra deixar de ser bundão.

Num transporte de mudança
Tinha uma frase que dizia
"Se seio fosse buzina,
a cidade não dormia".
Para você descansar
Tinha que se acostumar
Trocar noite pelo dia.

Escreveram na carreta
Do Valdir de seu Armando
“Se a vida fosse boa,
ninguém nascia chorando”.
“De poeta, médico e louco
todo mundo tem um pouco”.
Tinha uma faixa indicando.²⁰

20 Wagner Leal Guimarães - Poeta, cordelista e declamador.

5º COLETÂNEA POESIA DE QUARTA

Este livro foi publicado com recursos provindos do Edital PROEXC/IFPB Nº 12/2025, em parceria com a Biblioteca Profª Maria do Rosário Sá Barreto do IFPE, Campus Pesqueira.

Avaliadores

Tainara da Silva Andrade
Ialy Cintra Ferreira
Valter Leal Guimarães

Organizadores

Daniel Andrade
Diego Nogueira Dantas

Colaboradores

José de Arimateia Tavares
Luiz Gustavo Ferreira de Brito
Rayssa Vitória Santos do Nascimento

Parceiros

Centro Cultural Banco do Nordeste, Sousa-PB (CCBNB/Sousa-PB);
Núcleo de Extensão Cultural da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras (NEC/CFP/UFCG).



Sobrevivemos ao futebol da quarta e à pandemia e estamos aqui, desde 2018, esculpindo, como as traças da escultura folheada de Joaquim Cardozo, a arte da publicação. E assim seguimos firmes e fortes balançando o pé de arruda das palavras nas ventas do sem poesia na vida.

Este livro foi publicado com recursos provindos do Edital PROEXC/IFPB Nº 12/2025, em parceria com a Biblioteca Profª Maria do Rosário Sá Barreto do IFPE, Campus Pesqueira.

